



BLUMENAU

em CADERNOS

Setembro 1983

Nº. 9

TOMO XXIV

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIV

Setembro de 1983

Nº. 9

SUMÁRIO

Página

Vasculhando velhos arquivos	206
Agosto de 1869: os poloneses estão chegando	207
Autores Catarinenses	209
“Musikkapellen”, Festas, Salões, Bailes... ..	211
A Comunidade Evangélica de Itoupava Central em festa de cente- nário de fundação	214
Curiosidades de uma época — XXV	215
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau	216
Arquivo Histórico recebe documento de 127 anos	220
Blumenau (Brasil) recebe da Blumenau (Alemanha) mais de 500 mil cruzeiros	222
Aconteceu... ..	223
O Balneário de Piçarras	227
Diário de Viagem do Imigrante Júlio Gaertner	231

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 1.000,00

Número avulso Cr\$ 150,00 -- Atrasado Cr\$ 200,00

Assinaturas p/ o exterior Cr\$ 1.000,00 mais o porte Cr\$ 1.000,00 total Cr\$ 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Vasculhando velhos arquivos

Por Frederico Kilian

É sempre interessante e muitas vezes até instrutivo, quando se vasculha velhos arquivos e se depara surpreendentemente com algum documento que vale a pena ser levado ao conhecimento da posteridade, por nos relatar do sofrimento e também da solidariedade dos homens que viveram antes de nós.

Há dias foi-nos entregue a cópia de uma carta escrita aqui, de Blumenau, há mais de cem anos, e como o conteúdo da mesma, apesar do longo tempo decorrido, se compara a fatos atuais, em vista da recente enchente catastrófica que assolou toda a população de Blumenau e do vale do Itajaí e da ajuda que a ela veio de todos os recantos do país e até do exterior, julgamos interessar aos leitores de "Blumenau em Cadernos" e ser oportuno e justificável a sua publicação.

Trata-se de uma carta de agradecimento escrita pouco depois da enchente do ano de 1880, na qual o rio Itajaí-Açu atingiu o elevado nível de 16,80 metros acima do normal, e que a então organizada "Comissão de Socorro" enviou à Loja Maçônica "Zur Eintracht" (CONCÓRDIA) de Porto Alegre.

O original desta carta, redigida em idioma alemão e manuscrita em letras góticas, foi recentemente enviada por um membro da Loja Maçônica de Porto Alegre a um nosso amigo blumenauense, a quem agradecemos a cópia, a qual passa a integrar o acervo do Arquivo Histórico da Fundação "Casa Dr. Blumenau" e que, em sua tradução para o vernáculo, é do seguinte teor:

Blumenau, em 2 de janeiro de 1881.

À Loja Alemã "ZUR EINTRACHT" (trad. = Concórdia)

PORTO ALEGRE

Por intermédio do Consulado Alemão daqui, VV. SS. nos enviaram a quantia de dois contos e seiscentos e sessenta e sete mil réis = Cr\$ 2:667\$000, para socorro aos moradores de nossas colônias alemãs, que pelas enchentes ficaram em estado de calamidade.

Recebam, pois, os mais cordiais agradecimentos da Comissão de Socorro que esta subscreve, por esta dádiva e tenham a certeza que com isto muito, e muito auxílio pôde ser prestado e muitas preocupações prementes foram aliviadas.

Se estávamos mesmo convictos da colaboração dos compatriotas de nossa comum nova pátria, esse vosso altruísmo demonstrado de modo tão magnânimo e extenso, nos surpreendeu deveras e alegrou nossos corações e comprovou que a solidariedade dos alemães, mesmo longe do país natal, em caso de grave calamidade se demonstra de forma plena e calorosa.

Permitam-nos de acrescentar ainda, que certamente agimos no sentido e de acordo com o pensamento dos doadores, se a distribuição

dos donativos não se restringiu apenas à nossa colônia, mas foi extensiva ainda aos moradores de todo o vale do Itajaí, sem termos deixado de atender ainda os de outras nacionalidades e saudamos-vos cordialmente com reiterados agradecimentos e nossa maior consideração.

A Comissão de Socorro

P. José Maria Jacobs, Vigário; Wilhelm Scheeffler. H. Probst; Louis Sachtleben; P. F. Faust; Julio Baumgarten; Fr. Lungershausen; Dr. Hermann Blumenau; Dr. Fritz Müller; Victor Gärtner.

Este o teor da carta. Para que nossos leitores possam fazer uma idéia, o quanto a Comissão de Socorro poderia amenizar os prejuízos sofridos pelas vítimas da enchente, com esta quantia de Cr. 2:667\$000, que lhe fora enviada pela Loja Maçônica, esclarecemos que, com base nos preços daquela época, com esta importância poderiam ser adquiridos: 450 sacos de feijão, ou 600 kg. de toucinho, ou então uma e meia tonelada de arroz, para distribuir entre os flagelados. Foi, pois, um apreciável auxílio prestado pelos maçons de Porto Alegre em 1880.

Agosto de 1869: os poloneses estão chegando

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

O início da imigração polonesa em Santa Catarina data de agosto de 1869. Foi nesse ano que desembarcaram no porto de Itajahy 16 famílias silesianas, oriundas da aldeia de SIOLKOWICE, localizada próxima a Opole, cidade da Alta Silésia — região que na oportunidade se encontrava sob o domínio prussiano. Num total de 80 pessoas elas tinham viajado no vapor VICTÓRIA e quando de sua chegada, foram encaminhadas para a COLÔNIA PRÍNCIPE DOM PEDRO. Na Colônia depararam com as mesmas dificuldades de mata espessa, terras por trabalhar e ambiente hostil que os alemães e italianos haviam encontrado desde sua chegada em 1860 na COLÔNIA ITAJAHY. Ambas as colônias ocupavam uma vasta extensão de terras situadas à margem direita do rio Itajaí-Mirim e teriam seus territórios anexados em dezembro de 1869, em função de sua proximidade e porque a redenção do Príncipe Dom Pedro significava economia para os cofres públicos (mais tarde, a Colônia Itajahy ficaria conhecida por Brusque).

Em setembro do mesmo ano vieram outras 22 famílias e, em outubro, mais 44 poloneses. Por falta de melhores acomodações, esses dois grupos foram encaminhados para um barraco grande, onde aguardavam sua localização territorial na mesma Colônia.

Fra o começo de uma epopéia: o da imigração polonesa.

Embora as primeiras levas desses imigrantes tivessem chegado ao Brasil quando a então Colônia Itajahy caminhava para os 10 anos

de sua existência, não há registros da época referentes à efetiva participação do imigrante polonês em sua História.

Sabemos apenas, através de uma ou outra correspondência oficial, que a chegada dos imigrantes poloneses viria aumentar uma difícil situação que a Colônia Príncipe Dom Pedro passava: o de distribuição de lotes, o de acomodação de pessoal, o de subsistência, enfim, aliada ao excesso de pessoas e um relativamente pequeno número de terras boas para a agricultura.

O primeiro documento a respeito data de 31 de agosto de 1869. É do Diretor da Colônia Itajahy, Frederico von Klitzing e encaminhado ao Vice-Presidente da Província de Santa Catarina, Coronel Joaquim Xavier Neves, dando conta do orçamento calculado para fazer **"com os colonos novos, de nação polacos, aqui chegados no corrente mez de agosto"**, documento este que faz parte do arquivo da Sociedade Amigos de Brusque.

Na lista das famílias silesianas, constam os nomes de Nicolau Wos, Francisco Pollak, Thomas Szynowski, Simão Purkott, Felipe Kokot, Miguel Prudlo, Simão Otto, Domin Stempka, Gaspas Gbur, Valentino Weber, Antonio Kania, Andreas Pampuch, Stephan Kachel, entre outros.

Nascimentos e mortes entre os descendentes dos imigrantes.

Ainda em 1869 ocorria o nascimento do primeiro filho de imigrantes poloneses em terras brasileiras. O fato aconteceria na Colônia Príncipe Dom Pedro, conforme registro do Padre Alberto Francisco Gattone: a **menina Izabella Kokot, nascida a 12 de novembro de 1869**, filha de Felipe Kokot e de sua mulher Izabella Gbur, foi batizada a 14 do mesmo mês. Procedente de um país com tradições religiosas muito profundas, o polonês não se descuidava de sua fé. O registro dos nascimentos e batizados de seus filhos é uma prova disso e tornou-se documento importante a respeito da descendência desse imigrante. Em verdade, transformou-se em única fonte de consulta sobre o assunto.

Da mesma forma, as anotações do Padre Gattone referentes às pessoas falecidas possibilitaram um melhor conhecimento dos fatos daqueles anos.

Assim é que em 1870 vamos encontrar o primeiro óbito ocorrido entre os poloneses. É neste ano, portanto, que se iniciaram os vínculos sentimentais com a Colônia, quando os imigrantes começaram a enterrar seus entes queridos no **CEMITÉRIO DOS POLACOS**.

No dia 11 de outubro, 1 ano e 2 meses após a chegada desses imigrantes, faleceu na Colônia Príncipe Dom Pedro o inocente **João Otto, filho de Simão Otto e Rosália Gabriel**, com a idade de um ano e cinco meses.

Do Cemitério dos Polacos nada mais existe, a não ser uma Cruz, testemunha muda e silenciosa a resistir no tempo de cento e treze anos passados desde o 1º. inocente ali enterrado.

Os tecelões de Lódz.

Em 1889, trinta anos após terem chegado as primeiras famílias polonesas, um outro grupo de imigrantes, vindo de Lódz (um dos mais importantes distritos industriais poloneses na atualidade), se instalou na Colônia Itajahy. A necessidade maior da Colônia era mão-de-obra para desenvolver um trabalho voltado para a lavoura, que possibilitasse ocupação da terra e se transformasse numa atividade econômica significativa para a própria colônia e seus habitantes. Mas as famílias de Lódz não se adaptaram à agricultura e dedicaram-se a uma atividade pioneira: a indústria têxtil. A aptidão, naturalmente, estava ligada à atividade desenvolvida na Polônia e foi de mansinho que o imigrante de Lódz começou a fabricar teares manuais de madeira, iniciando uma rudimentar fiação caseira.

Para a Colônia Itajahy foi o começo de uma nova etapa, encerrando o ciclo colonial na região e estabelecendo os alicerces da indústria têxtil no Estado, tornando Brusque conhecida como o "Berço da Fiação Catarinense".

O estabelecimento dos imigrantes poloneses em Brusque foi, sem dúvida, o caminho para o desenvolvimento alcançado pelo setor industrial que a cidade hoje desfruta.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

TRES LIVROS

Três livros catarinenses, todos eles de autores de expressão, circularam recentemente. Trata-se de A PALAVRA (A arte da conversação e da oratória), de Nereu Corrêa, co-edição da Lunardelli e da UFSC. Esse livro, agora em segunda edição, revista e ampliada, é uma das mais brilhantes produções já saídas da pena desse escritor e ensaísta vigoroso, reconhecido como uma das figuras mais representativas de nossas letras. Trata-se de um livro que mereceu aplausos da crítica e cujo lançamento vem propiciar o seu conhecimento a todos que se interessam pela palavra falada e a arte de bem usá-la. A sua divulgação e leitura contribuirão, sem dúvida, para melhorar ou, pelo menos, preservar essa forma de comunicação básica entre os homens e que tende a se reduzir a grunhidos acompanhados sempre dos mesmos gestos. Eis aí uma obra de alto nível e que enriquece sobremodo a nossa estante.

Holdemar Menezes, já consagrado como um dos maiores con-

tistas brasileiros, retorna agora com um novo romance. Refiro-me a OS RESIDENTES, publicado pela Editora Movimento, integrando a Coleção Santa Catarina. Salim Miguel, comentando essa obra, diz a certa altura o seguinte: "Em linguagem direta e dura, um painel de realidade que nos circunda. Vista através de um microcosmo que reproduz o macrocosmo, onde vida e morte se digladiam. Simbolicamente, Holdemar Menezes situa as tramas deste OS RESIDENTES numa maternidade. Narrando na primeira pessoa do singular, faz desfilar, por intermédio do agressivo e desbocado residente, espécie de fio condutor daquele universo, envolvido em tudo até mesmo à sua revelia, situações e personagens encontradiços num dia-a-dia que o autor conhece tão bem." Não tenho dúvida de que essa nova obra ficcional de Holdemar Menezes terá sucesso de crítica e de público, vindo fortalecer um gênero tão modestamente cultivado entre os catarinenses — o romance.

Outro romance, surpreendentemente, completa a trilogia aqui anunciada: BUENOS DIAS MR. LUDWIG, de Raimundo C. Caruso, edição da Beija Flor, de Curitiba. O autor, jornalista profissional de grandes recursos, publicara outros livros, reunindo poemas, entrevistas e reportagens. Esta é a sua primeira incursão, em volume, na difícil seara da prosa de ficção e para a qual revela ter o fôlego indispensável, escrevendo em texto compacto que se estende por cento e cinquenta páginas. Iniciado no México, onde o autor viveu, em 1978, esse livro só veio a ser concluído em 1982, revelando o carinho com que foi composto. Mostrando-se dono de um estilo muito pessoal, imaginação e criatividade, Caruso a bossa do romancista e traz uma contribuição valiosa nesse gênero.

HOMENAGEM A MONTEIRO LOBATO

Por sugestão minha, apresentada junto ao Conselho de Cultura de Blumenau, do qual sou membro, acatada pelo Prefeito Dalto dos Reis, a Escolinha de Artes da Prefeitura, que funciona no Centro Cultural (antiga Prefeitura), passou a denominar-se oficialmente "Escolinha de Artes Monteiro Lobato". Visando conscientizar os pequenos alunos da importância do evento e do homenageado, a Direção da Escolinha promoveu toda uma semana dedicada ao escritor paulista, iniciando no dia 27 de junho e terminando em 1º de julho, com uma programação inteiramente voltada para a obra infantil de Monteiro Lobato, eis que se trata de uma entidade que se dedica ao ensino das artes plásticas para crianças. Com esse objetivo foram feitas apresentações pelos alunos, quando muitos deles se vestiam como os personagens daquelas histórias, bem como dissertações em todas as classes a respeito das atividades lobatianas. A convite da Direção proferi palestras diárias para os alunos, versando os seguintes temas: "História da infância de Monteiro Lobato", "História da vida de Monteiro Lobato", "História do Jeca Tatu" e "Histórias maravilhosas de Monteiro Lobato". Culminou a programação, em 1º de julho, com uma solenidade a que estiveram presentes o Prefeito Dalto dos Reis, o Secretário de Educa-

ção e Cultura, o Presidente do Conselho de Cultura, professores, alunos e seus pais, além de inúmeras outras pessoas. Na ocasião procurei mostrar as razões da homenagem, destacando a simpatia que Monteiro Lobato revelava por nossa cidade e seu fundador. Também se manifestou na ocasião o Chefe do Executivo, baixando em seguida o Decreto nº. 2.144, através do qual foi oficializado o novo nome desse estabelecimento que comemora neste ano o seu décimo aniversário de fundação. Encerrando a cerimônia, foi inaugurado o retrato do patrono da Escolinha especialmente feito pelo artista carioca Nelson Bravo. Dessa forma o povo de Blumenau, através de seu Prefeito, presta uma homenagem solene e duradoura a quem tanto fez pela cultura brasileira. Pretende a Escolinha, todos os anos, dedicar o dia 18 de abril, data de aniversário do escritor, para homenageá-lo, mantendo assim bem viva a memória de Monteiro Lobato.

"Musikkapellen", Festas, Salões, Bailes...

Edith Kormann

Berhardt marcou Blumenau com sua presença ao fundar a Sociedade Musical "Lyra", e também pelo bom gosto do seu repertório. Da programação apresentada no primeiro concerto da Sociedade Musical "Lyra" no jardim público, no dia 15 de novembro de 1919, além da alvorada às 6 horas da manhã com o Hino Nacional, às 4 horas da tarde foi apresentado o concerto com os seguintes números musicais:

- 1 — Hino Nacional
- 2 — Saudades da minha terra (dobrado)
- 3 — Parademarsch de Schwenke
- 4 — Nabucodonosor de Verdi (abertura)
- 5 — San Lorenzo de Silva (marcha)
- 6 — Chuva de ouro de Waldteufel (valsa)
- 7 — Die Wachtparade kommt de Eilenberg
- 8 — Das haben die Maedchen so gerne de Gilbert
- 9 — Velhos Camaradas de Zelke (marcha)

Bernhardt além de músico e regente fazia arranjos, entre eles, da "Fantasia" da ópera de R. Wagner, que foi muito tocada.

No dia 15 de março de 1924 a Sociedade Musical "Lyra" festejou a data da sua fundação no Teatro "Frohsinn" com trajes de contos de fadas e três bandas. A banda musical "Lyra" participou de eventos importantíssimos da Comunidade, entre eles, os vinte e cinco anos da Comunidade Evangélica de Timbó, que foram festejados no Hotel Mueller, com canções, declamações, teatro, etc., no dia 15 de outubro de 1924.

A Sociedade Musical "Lyra" incorporou-se mais tarde à Sociedade "Liederkrantz", que no dia 30 de maio de 1936 integrou-se à Sociedade Teatral "Frohsinn", formando a Sociedade Dramático-Musical

"Frohsinn" que em 12 de fevereiro de 1939 reestruturou-se sob o nome de Sociedade Dramático-Musical "Carlos Gomes".

As bandas musicais e os bailes promovidos pelas sociedades, estimularam a construção de salões de bailes públicos na Colônia, geralmente por iniciativa de comerciantes. Eram democráticos pois, confraternizavam ricos e pobres, moços e velhos, patrões e empregados com alegria e muita cerveja fabricada na Colônia. No início, todos os bailes eram públicos, mais tarde as sociedades promoviam bailes sociais além dos bailes públicos.

Os nossos colonizadores se divertiam muito, e os bailes de máscaras não eram esquecidos durante os festejos de Momo. A Sociedade dos Atiradores que era o centro social e artístico da Colônia foi palco de centenas de bailes de máscaras como o que foi realizado com sucesso no dia 26 de fevereiro de 1884 (2). No salão de Karl Wilhelm Friedenreich também eram realizados os bailes, isto quando o salão da Sociedade dos Atiradores ainda era muito pequeno.

O "Blumenauer Zeitung" de 7 de fevereiro de 1885, publica convite para um baile de máscaras na Casa dos Atiradores a ser realizado no dia 15 de fevereiro de 1885. A nota diz o seguinte: "será realizado o baile de máscaras no qual TODOS terão acesso. O preço para as máscaras, inclusive o baile, é de Rs. 500; para os não mascarados Rs. 300, porém estes, pagarão mais uma taxa extra para a música. Ninguém poderá dançar antes de tirar a máscara, e os mascarados não deverão ser molestados. Atenção: caso haja desfile, os cavalos e carros estarão á disposição. O baile terá início às 8 horas e trinta minutos. As máscaras já chegaram e poderão ser adquiridas com o sr. Franz Lungershausen". O convite comprova que mesmo na Sociedade dos Atiradores também se promoviam bailes públicos. Em 1897 foi fundado o Clube Carnavalesco "Filhos do Inferno", e Momo foi festejado com baile e desfile.

Pelo Carnaval de 1909, um grupo de amantes do canto se reuniu para formarem o "Klub unter Uns". Esse grupo promoveu o seu baile de máscaras no salão do Hotel Holetz, animado pela banba Werres e ainda para a originalidade, com entrada de Momo pontualmente, às 11 horas e 11 minutos. O baile teve início às 10 horas da noite. Os festejos carnavalescos eram animadíssimos.

Pelas 4 horas da tarde na Avenida Dr. Blumenau era feita uma batalha de flores, e um baile à fantasia no último dia de Carnaval no salão do Teatro "Frohsinn" (3). Também eram muito comuns pelo Carnaval os "Lumpenball" (baile dos andrajosos) que eram realizados, geralmente, no salão dos Atiradores, salão Seltmann de Benedito, e em outros locais como no restaurante Zwoelfer, que além dos "Lumpenball", promovia também "concertos familiares com a Banda Baumgart até às doze horas da noite, na parreira, sem dança (4)".

Os nossos colonizadores marcaram presença com sua musicalidade desde o alvorecer da Colônia em tudo, e até nos banquetes, prin-

(2) Blumenauer Zeitung de 9-2-1884; (3) 2-3-1919; (4) 12-12-1926.

principalmente para visitantes ilustres, as bandinhas davam o seu toque mágico. Entre as bandinhas, a "Freiheit" (Liberdade) tocou no banquete em homenagem ao vice-governador Cel. Vidal Ramos quando visitou Blumenau em 1903. A varanda Seifert programava às sextas-feiras, a noite alegre musical com a banda "Bávava" de Walter Seifert (5).

As bandas tinham sempre o seu lugar de destaque e até nos piqueniques eram solicitadas. A banda Werner animou o piquenique organizado por Emil Marx na propriedade de Heinrich Reif em Salto Weissbach no dia 9 de março de 1919. A propriedade de Heinrich foi inaugurada no dia 9 de fevereiro de 1919. Era um local de recreio para as famílias, com churrasco, música, dança dentro de um alpendre de palmitos e bosque sombreado com muitos bancos. A cachoeira de Dittrich e o "Wolfsschlucht" (vale do lobo) em Altona, também eram locais muito procurados para excursões, e os blumenauenses as programavam com bandas musicais, cantos, cenas cômicas e danças. Os associados da Sociedade Musical "Lyra" excursionavam com frequência até a cachoeira de Dittrich e também até o Wolfsschlucht. Os convites para excursões continham sempre a observação: "se não chover" (6).

Um acontecimento que marcou Blumenau em 1909, e que continua marcando com sua presença todos os acontecimentos importantes da Comunidade foi o 55º Batalhão de Caçadores, hoje, 23º. Batalhão de Infantaria. No dia 29 de abril de 1909, pouco depois das 20 horas, o vapor Blumenau apontou na curva do rio, e em seguida atracou no porto do Jardim Hercílio Luz, trazendo para Blumenau o 55º. Batalhão de Caçadores com 30 músicos e 18 oficiais, ao todo 125 homens entre soldados e graduados. A banda Werner tocou o Hino Nacional e a banda do Batalhão, tendo como Comandante Crispim Ferreira, ainda a bordo, tocou o Hino da Prússia. No dia 8 de maio, portanto 8 dias após o desembarque em Blumenau, a banda de música do 55º Batalhão de Caçadores tocou no jardim público das 4 às 6 horas da tarde de domingo as seguintes peças musicais:

- 1a. parte
- 1 — Minerva (marcha)
 - 2 — Fausto (ária de pistão)
 - 3 — Saudades de Nenem (valsas)
 - 4 — 2º. Regimento (dobrado)
 - 5 — Quando o amor morre (valsas)

- 2a. parte
- 6 — Stella Confidente (romanza)
 - 7 — Saudosa (valsas)
 - 8 — Maxixe de ferro (tango)
 - 9 — La Marine (dobrado)
 - 10 — Gaúcho (tango)

(5) Blumenauer Zeitung de 3-5-1929; (6) 7-9-1910 e 20-10-1924.

Continua...

A COMUNIDADE EVANGÉLICA DE ITOUPAVA CENTRAL EM FESTA DE CENTENÁRIO DE FUNDAÇÃO

— Neste mês de setembro — precisamente no dia 3, a Comunidade Evangélica de Itoupava Central assinalou a passagem do seu primeiro centenário de fundação. Naquele dia, no ano de 1883, um grupo de cidadãos evangélicos residentes naquele subúrbio blumense, reuniu-se com o firme propósito de fundar a Comunidade do lugar para que as famílias ali residentes pudessem usufruir dos benefícios da presença mais constante do pastor evangélico que lhes pudesse levar o conforto espiritual, visando dar-lhes mais forças físicas, conseqüentemente, para a dureza do trabalho que enfrentavam diariamente em busca da sobrevivência.

O empreendimento não era fácil. Ao ser fundada a Comunidade Evangélica de Itoupava Central, era preciso logo pensar-se também na construção de um templo que pudesse reunir a comunidade em permanente união espiritual, gerando assim um maior e mais afetivo espírito de conagração e de auxílios mútuos. Aliás, sempre foi, antes de mais nada, na criação de comunidades religiosas — em especial a evangélica — um objetivo fixo, o de aprimorar sempre e sempre mais os laços de amizade e mútuo auxílio, o amparo às famílias menos abastadas.

A fundação da Comunidade Evangélica do Distrito de Itoupava, na Itoupava Central, constituiu-se, assim, num importante marco como base para o desenvolvimento da comunidade daquela região em geral. Tanto assim que hoje é uma das regiões mais desenvolvidas de Blumenau e o mesmo espírito de comunidade continua pontilhando entre as numerosas famílias que lá residem. O primeiro presidente eleito no dia 3 de setembro de 1883 foi o sr. Wilhelm Denker, um dos líderes então residente no lugar, o qual teve a auxiliá-lo outros dois cidadãos de muito conceito, como foi o caso do Secretário, professor Schumann e do Tesoureiro, sr. Liesenberg. Daí em diante veio o desenvolvimento da comunidade, chegando aos dias de hoje. O templo foi construído mais tarde sobre uma elevação que domina todo o vale da Itoupava e lá continua a vigiar toda a região e a receber em seu interior os féis que aos domingos vão orar e cantar louvores ao Criador, repetindo a devoção de que também sempre estiveram possuídas as famílias que há cem anos passados que lá existiram.

O Ato Constitutivo da Fundação

Vamos transcrever, a seguir, já devidamente traduzido da língua alemã para o vernáculo, o texto do Ato Constitutivo da fundação da Comunidade Evangélica de Itoupava Central, que diz o seguinte:

“Aos 03 de setembro de 1883 foi fundado no Distrito de Itoupava uma Comunidade Evangélica, a qual será regida e resguardará os seus direitos por estatutos elaborados.

Foi decidido ainda que cada membro contribuirá à Caixa da

Comunidade com a mensalidade de Rs. 80 (oitenta réis), pagáveis semestralmente. Por votação foi formada uma diretoria de três membros, a saber:

Presidente — Wilhelm Denker.

Secretário — Professor Schümann

Tesoureiro — sr. Liesenberg

Comunidade Evangélica de Itoupava — Blumenau, 03 de setembro de 1883. Assinados: Denker, Presidente, E. Liesenberg, Tesoureiro e Schümann, Secretário”.

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XXV

ESTRADA DE FERRO SANTA CATARINA

S. G. Wahle

A Estrada de Ferro Santa Catarina, além de ter sido um marco na história de Blumenau, foi muito importante para diversas gerações, não do aspecto só econômico mas, sobretudo do lado psicológico. O apito característico, anunciando a chegada ou a partida, era tão pontual, que servia de referência como horário. Embora lenta, resolvia perfeitamente todos os casos, pois quando mais importante era, mais tempo dispunha o homem na época.

Quando foi construída, veio para substituir a montaria, a carroça e as carretas de transporte de carga.

Passou a ser a época em que se viajava de trem. O chefe de trem sempre bem humorado, dava um toque pessoal ao ambiente.

Na antiga estação de Blumenau estacionavam os carros de mo-la com antecedência de meia hora, onde os cocheiros aproveitavam a oportunidade para jogar sobre o assento trazeiro uma partida de “skat”.

Quando o trem chegava a Blumenau a estação fervilhava na descarga e carga dos vagões, enquanto a locomotiva reabastecia-se com água e lenha.

Mas o romantismo ferroviário teve uma vida efêmera. Depois de muitos anos, de falta de rentabilidade, o governo resolvera desativar a Estrada de Ferro Santa Catarina.

Casualmente passando por Blumenau ouvira a notícia que naquele dia seria a última viagem do trem para Itajaí.

A reação veio, ao escutar o último apito da locomotiva atravessando a ponte metálica. Aquele apito era diferente, parecia um grito desesperador, de quem não se conformava com o destino.

Este apito chegou a provocar dores no peito para quem se despedia de algo definitivamente. Horas mais tarde, ao retornar de Itajaí, o apito foi o mesmo, entretanto parecia ainda mais desesperador. Minha mãe ao meu lado dizia: “Lá se vai o nosso querido trem. Nunca mais escutaremos o seu apito”, e ao que eu respondi: “Aqui termina mais um capítulo da história de Blumenau, vira-se a página e a história continua”.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

— O sr. está hospedado onde, Dr. Blumenau?

— Estou com um amigo meu, estudante, Fritz Müller, estava em um hotel, indo vistá-lo, como sua companheira está em casa da mãe dele enferma, ele pediu-me para fazer-lhe companhia nestes três dias que vou passar em Berlim.

Era pouco mais de dez horas da noite quando o dr. Blumenau se despediu e retirou-se da embaixada brasileira para ir ao encontro de Fritz Müller que o aguardava, lendo o Manifesto Comunista que Marx e Engels haviam escrito e não lançado ainda ao grande público e tão somente aos estudantes seus companheiros.

O ÚLTIMO ENCONTRO COM FRITZ MÜLLER NA ALEMANHA

I

Fritz Müller, com o Manifesto Comunista de Marx e Engles na mão, abriu a porta para Blumenau entrar e foi logo, satisfeito e alegre, mostrando para o amigo o manifesto que acabara de receber, secretamente distribuído, apenas, para estudantes adeptos de Marx e Engels.

— Lê Blumenau! Lê porque só nós estudantes é que temos o privilégio de conhecer, em primeira mão, o grande Manifesto Comunista dos nossos maiores líderes Karl Marx e Friedrich Engels, lê seu burguês!

— Não meu querido amigo Fritz, acabei de sair de uma reunião admirável com o embaixador brasileiro, e nossa conversa foi sobre assuntos sérios, reais, que consolidaram os meus ideais colonizadores e meu amigo embarco neste mês de março para dar início a minha colonização no Brasil, meu caro Fritz!

— Falas sério mesmo, Blumenau?!

— Nunca falei tão sério na minha vida, Fritz!

— Blumenau, estou muito confuso, falando a verdade. Lendo este manifesto, acabei confundindo-me mais ainda, meu bom amigo, depois da morte de minha mãe, do meu rompimento definitivo com minha família, aqui em Berlim para onde vim cursar esta maldita medicina, estou estudando e ao terminar o curso é bem possível embarque num navio como médico e vá dar com os costados na África do Sul e acabe montando uma farmácia no Cabo! . . .

— Você está louco Fritz!

— Não estou não Blumenau, já me informei sobre este assunto

com um agente hamburguês, confesso, este é um de meus planos futuros, Blumenau!

Blumenau apanhou sobre a mesa do quarto de Fritz um livro de Ludwig Feuerbach, filósofo alemão que desertara do idealismo hegeliano para abraçar o materialismo, e outros livros de Karl Marx, que faziam parte da literatura de Fritz Müller.

— Veja bem Fritz! Você se apegou a estes escritores que estão pregando doutrinas utópicas, idéias revolucionárias demais para época, este manifesto comunista é um estopim que em breve revolucionará a nossa Alemanha como outros países na Europa, você Fritz, te envolvendo como estás envolvendo-te nessas lutas, acabarás complicando cada vez mais tua vida e teu ideal naturalista, que és, por princípio e índole. Tira teu curso médico, casa-te com Carolina e depois embarca para o Brasil para a minha colônia, Fritz!

— Você não está falando sério, está, Blumenau?

— Nunca falei tão sério Fritz, acredite sinceramente!

Fritz deu uma gostosa gargalhada e abraçando seu bom amigo concluiu ainda sorrindo:

— Blumenau, meu querido Blumenau, agora quem diz sou eu, quem sabe se esta tua "utopia" não se transforme em realidade, hein, meu sonhador, meu colonizador adorável!

— U...to...pia! Nunca Fritz! Já tenho comigo cartas de apresentação de Humboldt, Martius e Sturz a amigos seus brasileiros pedindo ajudarem-me em tudo que precisar no Brasil e como já te disse embarco para o Brasil em fins de março corrente deste ano de 1848, meu bom amigo Fritz.

— Então não tens mais dúvidas, vais mesmo ser colonizador no Brasil?

— Vou sim Fritz.

— Meu bom amigo, invejo-te, Blumenau!

— Por que afinal, pela minha decisão, Fritz?

— Justamente Blumenau! Vivo um mundo de indecisão, confuso, de mim se foram todas as crenças religiosas que tanto amava na infância. Se tenho fé, porque acredito em Deus, como criador da vida, que é a origem de tudo. Sinto-me vazio de toda aquela maravilhosa religiosidade, que tanto embelezaram, de meu berço a minha infância feliz, rodeado de meus pais e meus irmãos! Minha mãe querida já se foi, meu pai nunca me compreendeu, nossos atritos geraram o começo de toda a desilusão que sinto hoje, no meu círculo universitário, meu querido Blumenau! Se Carolina não se fizesse presente como se tem feito, não suportaria a solidão, que talvez me levasse a loucura, e muitas lágrimas me têm custado! Se sou um materialista, como há bem pouco tempo, por ocasião de nosso último encontro, taxou-me, impiedosamente, meu pai, foi porque, Blumenau, meu querido amigo, foi a única fuga que encontrei para fugir dos arbitrios de meu pai, que atirou-me nos próprios braços do materialismo, e hoje me acusa, injustamente!

— Mas Fritz, se acreditas em Deus como há pouco confessaste,

então não está tudo perdido, ainda existe uma fresta de esperança, meu amigo!

— Blumenau, se estudo a origem das espécies, como naturalista de coração e de alma, e vejo a cada momento o maravilhoso milagre do gerar de uma vida, negar a presença de Deus neste momento sublime e indescritível é negar a mais bela e extraordinária verdade imutável, e eu não sou louco, Blumenau!

— Politicamente estás ligado a algum partido, Fritz?

— Ainda não! Mas pretendo filiar-me ao Partido Democrático.

— Partido Democrático! Muito bem Fritz, já que não existe na Alemanha o Partido Comunista de Marx, não é Fritz

— Exatamente! Porém, estamos trabalhando desde já para que num futuro, não muito longe, ele venha a existir, não so na Alemanha, como em outros países da Europa.

— Fritz são estes sonhos que fazem-te cada vez mais confuso, Fritz!

— So...nhos?! Verás, meu amigo, estamos bem perto de uma nova revolução, como a Revolução Francesa de 1789, de Robespierre, Danton e Marat que sacudiram todo o mundo!...

— E acabaram na guilhotina, Fritz! Não te iludas meu amigo, teu líder Karl Marx, quando vier a revolução que sonhas em nossa Alemanha, num futuro breve, não será guilhotinado, porque somos mais humanos e não guilhotinamos ninguém, mas, expulsamos, e Marx, será expulso da Alemanha, porque Fritz, mete bem isso na tua cabeça confusa, a Alemanha jamais será comunista e sim, Social Democrática. E a próxima revolução será aquela que transformará a Alemanha num poderoso e gigantesco Império, comandada por um grande líder que surgirá num futuro próximo, não são palavras minhas, Fritz, eu as ouvi de Humboldt!

— Não Blumenau, a luta de classe está nas ruas em toda Europa e em breve nos atingirá. O comunismo é uma força latente que nascerá dos escombros das ruínas da burguesia decadente.

— Fritz, só há um regime político ideal para os povos, o democrático, e sabes por que? Porque na Democracia poderá viver o Comunismo, e jamais, Fritz, no Comunismo sobreviverá à Democracia!

— Ora Blumenau! Porque não poderá viver a Democracia no Comunismo, por quê?

— Fritz, sabes porque vives teus momentos de opressão religiosa e social?

— Procuo saber e as respostas que encontro não me satisfazem.

— Veja bem Fritz, as algemas que prendia-te a ortodoxia burguesa do teu lar, segundo as convivências sociais e políticas que hoje atuas, libertaram-se, porque amas a liberdade e na tua nova concepção e do teu mundo contemporâneo, elas não cabem mais, porque conflitam-se as novas idéias que povoam teus pensamentos que são, segundo a tua nova teoria política, e os sonhos dos teus jovens colegas estudantes: as revolucionárias teorias de Marx, que dominam todos vocês!

— Sem dúvidas, Blumenau!

— Mas, meu amigo Fritz! As especulações teóricas do teu grande líder Karl Marx, porque novas e revolucionárias, quebram todos os padrões até então existentes, e onde sempre conviveram na mais perfeita harmonia, o Capital e o Trabalho, que é a base fundamental das doutrinas, sócio-econômicas até então aceitas por todos os povos civilizados.

— Pois é justamente isso, Blumenau, que Marx se propõe mudar.

— Mudar sim, imposta pelas lutas de classe, porém, se tal acontecer, as liberdades democráticas que são os caminhos legítimos das opções sociais, e que teu líder Marx não admite porque sabe que suas idéias utópicas, sem consistência econômico-social, morrerão no nascedouro. Daí, meu caro Fritz, buscar, provocar as lutas de classes para impor um regime de força e prepotência, como um atalho mais curto para sua injunção teórica, sustentada pela força no poder, que não se coaduna com as liberdades democráticas: eis porque Fritz, no Comunismo nunca sobreviverá a Democracia, que admite opções, escolhas livres e soberanas e não, nunca, imposições!

— Meu querido Blumenau, falas como um bom burguês, vamos mudar de assunto, chega de política, falemos de teus projetos coloniais!

— Diga-me uma coisa Fritz, quando, realmente, completas teu curso de medicina?

— Daqui há três anos. Vou me transferir para Greifswald e cursar biologia com o melhor de todos os professores nesta matéria, Hornsschuch.

— A biologia muito interessa-te, já que és um embrião de naturalista.

Fritz Müller deu uma gostosa gargalhada e ironicamente:

— Embrião não, Blumenau, já que discutimos medicina e biologia, fica melhor um “feto” de naturalista! — E ambos riram do espírito de Fritz.

— E teus irmãos, Fritz? Tens te correspondido com eles?

— Só Augusto é que me escreve de seis em seis meses. Charlotte essa nunca me escreveu. Rosine, raramente. Hermann acredito que nunca escreveu-me, como também Ludwig Theodor. Eles abandonaram-me, Blumenau,

— Fritz, e Carolina?

— Admirável e companheira fiel de todos os momentos, não sei o que seria de mim sem ela, nos momentos terríveis que passo atualmente, Blumenau!

— Pensa melhor Fritz e estuda a possibilidade de um dia, quando concluires a medicina, ir para minha colônia, tua formatura se dará em 1849, não é?

— Estamos em 46, pois não?

— Sim 1846.

— Então, exatamente, em 49. E até lá já terás instalada tua colônia?

— Mais ou menos! Tudo depende das circunstâncias. Eu porém vou te informando de tudo para a Universidade de Greifswald.

— Exatamente Blumenau! Manda toda tua literatura sobre tua colônia para lá, Carolina e eu vamos lendo, estudando, e quem sabe, ainda algum dia não bateremos com nossos costados lá, hein Blumenau?

— Seria bom demais para mim, Fritz!

(Continua)

Arquivo Histórico recebe documento de 127 anos

O Secretário de Turismo sr. Antônio Pedro Nunes — que é também o Vice-Presidente do Conselho Curador da Fundação “Casa Dr. Blumenau” — recebeu dia 12 do corrente das mãos do sr. Alfredo Wilhelm (correspondente, em idioma alemão, da Prefeitura) um documento histórico, ainda inexistente no “Arquivo Histórico” de Blumenau.



Entrega do documento histórico ao Sr. Antônio Nunes

O documento, de duas páginas ofício, intitulado “A Emigração para o Sul do Brasil”, menciona um relatório do despachante oficial de emigração Wilh. Huehn & Co. de Hamburgo, trazendo o nome de todos os imigrantes para a então Colônia de Blumenau, Colônia

Dona Francisca (Joinville) e diversas Colônias da Província do Rio Grande, no ano de 1856, com o nome dos navios, seus comandantes, a saída e chegada no Brasil e outros detalhes interessantes.

Eis aqui alguns dos nomes de pessoas chegadas em Itajai e que partiram em 5 de outubro de 1856 de Hamburgo no navio "Harriet & Molly":

Theodor Kleine — Emil Odebrecht — Heinrich Paul — Reinhold Gaertner — Ernst Haertel — August Buerger — Joh. Meyer — Heinrich Schmidt — Heinrich Paul — Joachim Gramkow.

O sr. Alfredo Wilhelm conseguiu o documento através do seu amigo filatélico Gerd Kramer, de Halle-Neustadt, na República Democrática Alemã.

Doou o documento sob um pedido — que os descendentes destes primeiros imigrantes e interessados em uma cópia — que será fornecida pelo Arquivo Histórico de Blumenau — façam uma pequena doação (a seu critério) em benefício da conservação e ampliação do nosso Arquivo Histórico.

Além disso, o sr. Alfredo descobriu — junto a seus amigos filatélicos na RDA — 14 cartas inéditas que a família Franz e Leopoldine Meyer escreveram a seus parentes na Alemanha nos anos de 1861 a 1863 (durante 130 anos portanto), falando sobre a vida difícil dos imigrantes, quais os financiamentos que o governo brasileiro lhes dava, sobre os acontecimentos relativos à guerra do Paraguai (em 1867), sobre o serviço postal daquela época, onde em 1862 não havia ainda o sistema de encomendas postais, duas fotografias da família etc.

O sr. Alfredo Wilhelm tentará conseguir para a nossa Blumenau esta interessante e inédita coleção de cartas históricas.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

BLUMENAU(Brasil) recebe da BLUMENAU(Alemanha) mais de 500 mil cruzeiros

Contando com a presença do Secretário de Turismo Antônio Pedro Nunes, o Prefeito Dr. Dalto dos Reis recebeu, dia 30/8, em seu gabinete a doação de mais de 500 mil cruzeiros.

A ajuda veio em forma de dois cheques e foram entregues ao Prefeito pelo sr. Alfredo Wilhelm, correspondente em idioma alemão junto ao Gabinete.

1. — O cheque de 200 US-dolares foi doado pelos senhores Wilhelm Wegener e August Seegers, ambos da pequena comunidade de BLUMENAU da Alemanha. O sr. Wegener foi o primeiro prefeito alemão a visitar a nossa cidade após a 2a. Guerra Mundial. Foi hóspede oficial de Blumenau em 2 de setembro de 1972, dia da fundação de nossa cidade.

Diz o prefeito Wilhelm Wegener em sua carta dirigida ao seu colega Dr. Dalto dos Reis, "...um pequeno agradecimento pela maneira excepcional como fomos recebidos em nossa grande cidade-irmã, lá no longínquo Brasil. Sei que nossa colaboração significa só uma pequena gota — mas é de gotas que os mares são formados".

2. — O cheque de 700 DM (marcos alemães), veio de parte do sr. Otto Lapp, iniciador da campanha "Blumenau/alemã ajuda a Blumenau/brasileira", lá de Wunstorf, à qual está incorporada hoje a pequena Blumenau/alemã.

Otto Lapp, presidente do "Clube Filatélico de Wunstorf", esteve em Blumenau por ocasião da "Brapex V", onde ele expos a sua valiosa coleção "Brasil — do Império a República". Otto Lapp, que por duas vezes já mandou certa importância para ajudar a nossa PROMENOR, mandou também três volumes com roupas e instrumentos para médicos, donativos de amigos da cidade de Wunstorf. Diz em sua carta:

"Prezado prefeito e amigo: Dr. Dalto dos Reis, espero que a nossa solidariedade represente uma pequena ajuda — de uma ou outra forma. Segundo informação que recebi da VARIG em Frankfurt, ela continuará a levar donativos aos flagelados brasileiros, graciosamente. Assim remeterei nos próximos dias mais donativos de nossa cidade, como roupas, remédios etc. A nossa conta bancária especial aos flagelados de Blumenau, também ficará ainda aberta. Assim espero, em certa data, poder enviar outros donativos em dinheiro.

P.S.: Uma das nossas encomendas de donativos a despachar será identificada pelo Nr. 2. — O documento acompanhante explica, que o conteúdo — uma máquina de escrever portátil é uma doação particular de mim e do sr. Heinz Gehle, comandante do corpo de bombeiros, e destinada ao nosso amigo Alfredo Wilhelm, que perdeu na última grande enchente as suas duas máquinas de escrever".

ACONTECEU... --- Junho de 1983

— DIA 1º — Abordando o tema "O Município Brasileiro e suas Dificuldades", o prefeito Dalto dos Reis fez palestra abrindo o Primeiro Simpósio Nacional Sobre Obras e Serviços Urbanos e 1ª. Exposição de Máquinas e Equipamentos e Serviços Públicos, solenidade realizada no Teatro Carlos Gomes. Até o dia da abertura, 105 pessoas já estavam inscritas para participar do evento.

— DIA 1º. — As 10 horas, realizou-se a solenidade de abertura da Semana Nacional do Meio Ambiente, tendo por local o Conjunto Educacional Celso Ramos, no bairro Garcia, de cujo acontecimento, participou o prefeito Dalto dos Reis e entre outras pessoas, o Assessor do Meio Ambiente Prof. Lauro Eduardo Bacca.

— DIA 2 — O prefeito Dalto dos Reis recebeu, às 9,00 horas, a visita honrosa do embaixador da República Federal da Alemanha, sr. Franz Joachim Schoeller. O diplomata chegou dia 1º. a Sta. Catarina, tendo, naquele dia, visitado o governador do Estado e a Assembléia Legislativa.

— DIA 2 — Neste dia o prefeito Dalto dos Reis determinou o início imediato e em caráter de urgência, das obras de canalização das águas pluviais na rua Sete de Setembro, trecho compreendido entre as ruas Nereu Ramos e Castano Deeske, visando eliminar de vez o problema de enxurradas naquela área.

— DIA 2 — Relatório entregue pelo Departamento de Cultura da SEC municipal, destaca as atividades desenvolvidas por aquele setor no bimestre de março e abril, entre as quais acham-se cursos ministrados na Escolinha de Artes, assim como, na Galeria Municipal de Artes, a realização de quatro exposições: "O Amigo da Onça", com desenhos criados por Pérciles e editados pela revista "O Cruzeiro"; individual de Roberto Guedes com obras de desenho e pintura; Exposição de Flávia Fernandes com gravuras, desenhos e pinturas e ainda exibição de cartazes de cinema, de 6 a 13 de abril, destacando produções cinematográficas nacionais e internacionais.

— DIA 4 — No Centro Cultural 25 de Julho realizou-se a apresentação do grupo de teatro amador do C.C. 25 de Julho de Porto Alegre, encenando a peça: "Vendeu-se um Avô", comédia de Franz Sreicher, falada em língua alemã.

— DIA 8 — Com a presença de numeroso público, realizou-se a solenidade de lançamento dos livros intitulados "Figuras e Lugares" (ensaios-Fundação Casa Dr. Blumenau) e "Tapete Verde" (contos-Editora do Escritor-SP), ambos de autoria do escritor catarinense,

natural de Campos Novos e atualmente residindo em Blumenau, Eneás Athanázio. Na mesma solenidade foi aberta a exposição de pintura da artista Irma Athanázio, mãe do escritor, apresentando exuberantes trabalhos de pintura (óleo sobre tela), recebendo fartos aplausos.

— DIA 10 — A imprensa de todo o Estado noticia com destaque a queda de temperatura na cidade de São Joaquim, aonde o termômetro desceu a 3,5° negativos.

— DIA 10 — Neste dia, a Assessoria Especial do Meio Ambiente da Prefeitura de Blumenau, multou em 400 mil cruzeiros a Empresa de Ônibus Nossa Senhora da Glória, por ter, seu posto localizado às margens do rio Itajaí açu, à rua São Paulo, despejado no rio cerca de duzentos litros de óleo usado, com o que, naturalmente tornou mais densa a poluição já existente e ameaçando ainda mais a sobrevivência da fauna.

— DIA 10 — O Conjunto de Ritmos Society, de Blumenau, assinalou, naquele dia, a passagem de 25 anos de atividades, tendo o evento sido festivamente comemorado.

— DIA 11 — Neste dia, integrada à campanha nacional, foram vacinadas, no município de Blumenau, 24.577 crianças contra a paralisia infantil (poliomielite).

— DIA 16 — Foi aberta, na Galeria Municipal de Artes, a exposição do pintor e desenhista austríaco Gustav Epstein que morou e faleceu em Blumenau em 1969, depois de residir no Brasil durante 39 anos.

— DIA 16 — Na sede da S.R.E.C. Salto do Norte, realizou-se a grande reunião das sociedades de atiradores, com a presença do prefeito Dalto dos Reis e coordenada pelo jornalista José Gonçalves, ocasião em que foi procedido ao sorteio do clube anfitrião do XII Encontro Blumenauense de Atiradores, tendo a escolha recaído na Sociedade E. Caça e Tiro Itoupava Norte.

— DIA 19 — Na Escola Básica D. Pedro I, de Itoupava Baixa, o prefeito Dalto dos Reis inaugurou, às 17 horas, a área de saúde daquele estabelecimento de ensino da rede municipal. O ato foi muito concorrido, tendo contado com a presença de numeroso público.

— DIA 19 — O prefeito Dalto dos Reis inaugurou, às 9 horas da manhã, na presença de numerosas pessoas, mais três salas de aula, uma de orientação pedagógica, um pátio coberto e um depósito, na Escola Reunida Municipal professor Oscar Ubenhaun, que tem em sua direção os cuidados do prof. Valdir Petry. A escola está localizada no bairro Água Verde. Da solenidade também participou o secre-

tário de Educação e Cultura, professor Carlos Pisetta. O prefeito e seus assessores diretos foram alvo das mais carinhosas manifestações de apreço pelo melhoramento introduzido naquela escola. Com a inauguração da melhoria que cutou aos cofres públicos 7,2 milhões de cruzeiros, a escola poderá admitir mais 70 alunos, passando então a ter sob seu encargo mais de 400 alunos.

— DIA 20 — Em solenidade concorrida, foi realizado, às 18,30 horas, o ato inaugural das instalações da estação elevatória do SAMAE, na rua Guarapari, Bairro Progresso, no Garcia, que beneficiou mais de 100 famílias daquela região com água potável encanada. O ato foi presidido pelo prefeito Dalto dos Reis que falou na ocasião sobre a sua preocupação para com a saúde da população.

— DIA 20 — De acordo com relatório apresentado ao prefeito Dalto dos Reis, pelo diretor Guelfo Roveri, a Cia. de Urbanização pavimentou, durante os quatro primeiros meses de governo do atual prefeito, 20 mil metros quadrados de ruas da cidade e bairros.

—DIA 24 — Com um jantar festivo, o Rotary Clube Blumenau Norte, com sede em Itcupava Seca, comemorou a passagem de seus 25 anos de fundação. O jantar foi realizado na Sociedade Ipiranga, sede daquele clube de serviço.

— DIA 25 — Tendo por local o complexo turístico "Paraiso dos Pôneis", foi promovida e realizada a 1a. Festa do Cavalo, com a participação de representações de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, além do nosso Estado. Apesar do mau tempo, a promoção foi exitosa pela presença do público.

Mês de Julho de 1983

— DIA 7 — A partir deste dia, Blumenau passou a ser invadida totalmente pelas águas barrentas do rio Itajaí. Depois de algumas investidas ocasionais, verificadas anteriormente, a partir de maio, as águas acabaram por alcançar o mais alto nível desde 1911, atingindo cerca de 15,85 metros, com o que um grande percentual de residências que nunca haviam sofrido com as cheias foi atingido, ocasionando enormes prejuízos ao povo, ao comércio, às indústrias e outras instituições públicas. Blumenau viveu assim o maior drama de todos os tempos. As edições do Jornal de Sta. Catarina posteriores

às cheias, relatam e estampam em fotos, o que foi a grande catástrofe para os blumenauenses e demais comunidades da região.

— DIA 15 — Começam, em Blumenau, com a baixa das águas, os serviços de limpeza da cidade e dos bairros atingidos. A primeira vista, tudo parecia irrecuperável. Mas o espírito do povo de Blumenau é muito forte. Aos poucos a cidade foi tomando novo aspecto e voltará à normalidade.

— DIA 17 — As águas do Itajaí açu voltaram a subir, assustando os blumenauenses. Atingiram onze metros e pararam. Foi mais um susto para alguns e transtornos para os que moram abaixo deste nível e que mais uma vez foram atingidos, embora o número seja pequeno.

— DIA 20 — Avaliação feita pela direção da Fundação "Casa Dr. Blumenau", chegou-se à conclusão de que os prejuízos sofridos no Museu foram enormes, perdendo-se alguns objetos de valor histórico. Na Biblioteca "Dr. Fritz Mueller os prejuízos foram maiores, tendo sido destruído cerca de 35% do acervo, ou seja, aproximadamente 30.000 (trinta mil) obras, entre enciclopédias e livros de ficção, romances, etc...

— DIA 24 — A imprensa local (JSC) noticia que a estudante Cristina Maria Pozzi, de 17 anos, foi vencedora do concurso nacional intitulado "Concurso de Cientistas de Amanhã. Cristina recebeu uma bolsa de estudo para qualquer faculdade do país e uma bolsa de pesquisa. Cristina é blumenauense e estuda no Colégio Santo Antônio desta cidade.

— DIA 25 — Face à calamitosa enchente do mês, o dia do Imigrante passou quase despercebido em Blumenau, berço da colonização da região do Vale do Itajaí.

— DIA 27 — O rio Itajaí açu voltou a transbordar neste dia, causando mais um susto à população. Suas águas atingiram a marca de 10,40m. Algumas residências localizadas em lugares mais baixos foram mais uma vez atingidas.

— DIA 29 — O rio Itajaí voltou a subir violentamente, em face das intensas chuvas. Desta vez, causou prejuízos e assustou muito a população já angustiada com as cheias anteriores. Às seis horas da tarde, o rio atingiu o nível máximo, chegando a 11,08m. Numerosas residências foram mais uma vez castigadas, tendo seus moradores sido retirados às pressas.

O Balneário de Piçarras

Enéas Athanázio

I — O NOME

Piçarras, definem os dicionários, é terra misturada com areia e pedras, vulgarmente designada como CASCALHO. Também se usa a palavra no masculino — piçarro — que, aliás, soa mal. Da abundância desse material em mais de um PIÇARRAL há de ter vindo, nos dias de antanho, o nome dessa cidade, sede do balneário do mesmo nome.

A denominação do município se deve, segundo os historiadores, ao “geólogo naturalista August de Saint Hilaire que, em meados de 1900, demorou-se entre os catarinenses, escrevendo páginas que se constituem numa preciosa fonte de informações, as quais foram anotadas e traduzidas pelo historiador catarinense Carlos da Costa Pereira. O referido naturalista, em sua passagem por Piçarras, deparou com grande quantidade de rochas sedimentares argilosas estratificadas, altamente endurecidas, razão pela qual se justifica o nome do município”.

II — O PASSADO

Antônio Pichetti, na sua “História de Santa Catarina” (Editora Grafipar — Curitiba), sintetizou com precisão a história do município, como a seguir transcrevemos: “O povoamento de suas terras teve a mesma história e as mesmas causas determinantes da ocupação do município de Penha, do qual dista apenas dois quilômetros. Pescadores, alguns de vida semi-nômade, porque fixando-se sempre perto dos lugares mais piscosos, começaram a estabelecer-se em Piçarras, em fins do Século XVIII. À época era a captura da baleia (atividade muito rendosa), a principal atração. Não se tem notícia dos nomes dos primitivos pioneiros. Sabe-se, apenas, que eram açorianos em sua maioria. Nos dias atuais continua sendo a pesca (não mais da baleia), a maior ocupação de seus habitantes, de em par com pequena atividade agrícola. Mas é no turismo, graças à sua encantadora praia, que a comuna tem, possivelmente, a maior fonte de sua renda, uma vez que, nos meses de verão, afluem à mesma milhares de veranistas, procedentes de muitas localidades, inclusive muitos do vizinho Estado do Paraná. Depois de “histórica batalha” política, conseguiu sua emancipação, através da Lei nº. 937, de 19 de novembro de 1962 com terras desmembradas de Penha, verificando-se a instalação em 14 de junho de 1963. Francisco Leopoldo Fleith foi seu primeiro Prefeito (nomeado) e o Sr. Emanuel Pinto, o primeiro governante eleito. Tem apenas 55 Km2. pertencentes à zona fisiográfica da bacia do Itajaí. Judicialmente, fez parte da comarca de Itajaí, sendo hoje comarca de primeira entrância, com jurisdição sobre os municípios de Barra Velha e Penha”.

Sua extensa praia, apertada entre os costões do Itajuba, do

Cambri e da Jurubatuba, foi, em tempos idos, o HABITAT preferido dos índios que viviam ao norte do Itajaí. Eram os mesmos aborígenes que se espalhavam pelo litoral da Capitania de Santo Amaro e com os quais os primeiros civilizados mantiveram regular comércio.

Sambaquis existentes na região, em parte destruídos por mãos criminosas, revelam que esses índios, de hábitos mais ou menos sedentários, foram bastante numerosos. Sua convivência com o branco foi pacífica e dela decorreu abundante cruzamento. Os índios preferiam as florestas próximas, enquanto o branco optava pela orla atlântica.

É certo que já por volta de 1759 havia moradores ao longo das praias de Itapocorói, Piçarras, Barra Velha e outras, tanto que Bento da Silva Veloso e Tomé da Silva dirigiram ao bispo do Rio de Janeiro uma petição solicitando permissão para levantar uma capela na primeira dessas praias e dedicada a São João Batista.

Merece referência ainda a iniciativa tomada pelo "cirurgião Luiz", assim conhecido, que obteve do governo provincial, graças ao seu grande prestígio, a Lei nº. 109, de 23 de março de 1889, criando a "Freguesia de Nossa Senhora da Penha do Itapocorói", com sede no sítio das Piçarras, no mesmo local da capela, hoje paróquia da Penha.(1)

III — O LOCAL

Piçarras está localizada no litoral norte de Santa Catarina, integrando a micro-região do Baixo Vale do Itajaí, entre as cidades de Itajaí (distanto 24 Km.) e Joinville (distanto cerca de 40 Km.). Está a 33 Km. de Balneário Camboriu, 129 de Florianópolis e 58 de Blumenau. Com a conclusão da rodovia Blumenau-Navegantes (BR 470), ficará bem menor o trajeto até Blumenau.

O município se limita ao norte com Barra Velha, ao sul com Penha e Navegantes, ao leste com Luís Alves e ao oeste com o Oceano Atlântico.

Sua topografia, partindo da praia, vai se elevando suavemente até alcançar a altura de cinco a nove metros, formando uma planície que atinge até o Rio Piçarras e a rodovia federal BR 101, que corta o município em toda sua extensão. Na outra margem dessa estrada estão algumas cerâmicas e a região agrícola do município, além de moradas de repouso e chácaras residenciais. Há água potável em abundância. Todo o interior é servido por energia elétrica.

A população da cidade é de cerca de 7.000 pessoas, número que cresce para 65.000 a 70.000 na temporada de verão.

IV — O BALNEÁRIO

A praia de Piçarras tem forma semi-circular, bastante areia e espaço para lazer. Há locais mais calmos e mais agitados, ao gosto do

banhista. Arborizada e limpa, uma ilha existente à sua frente contribui para embelezar uma paisagem agradável.

Dotada de melhoramentos urbanos, como água tratada, calçamento, iluminação pública, serviço telefônico (inclusive DDD), possui duas agências bancárias, supermercados, farmácias, clínica-médica e posto de saúde, bancas de jornais que vendem todos os dias as mais importantes folhas do país. Tem acesso fácil às cidades e balneários da região. Há também bons hotéis, restaurantes, boates e, durante a temporada, grande e animada concentração da juventude no centro da cidade. Duas redes de televisão são captadas, possui um clube (Sociedade Amigos de Piçarras — SAP), áreas de CAMPING e FORRÓS com entrada paga.

Outras praias bem próximas podem ser atingidas com facilidade, como é o caso das praias Alegre, Bacia da Vovó e Armação, todas na Penha, além de outras mais distantes. O Rio Piçarras, cheio de curvas serpenteantes, serve para o remo e a pesca. Esta última encontra ainda outros locais adequados e há sempre os pescadores profissionais dispostos a levarem os interessados ao mar alto, em suas bateiras, mediante um aluguel razoável, onde entra e funciona a “pechinca”. Na Armação e na antiga estrada Piçarras-Barra Velha, de leito arenoso e que margeia o mar, há lindas chacinhas, recobertas de mata verde e fazendo frente para a praia.

As visitas às cidades vizinhas possibilitam excelentes compras, em especial em Brusque, Joinville e Blumenau. No trajeto para esta última, pela Rodovia Jorge Lacerda, é interessante visitar as lojas de artesanato e móveis existentes ao longo da estrada.

Merece uma referência o pintor Luiz Telles, grande artista catarinense, que reside em Piçarras e ali encontra inspiração para seus quadros. Inconformado com a especulação imobiliária desenfreada que ameaça o balneário e principalmente com o avanço dos gananciosos em direção à praia, alterando-lhe a fisionomia, sua sensibilidade transpõe para a tela os calçadões e muros monstruosos, de cimento e ferro, que transformam a areia natural em pisos duros e ásperos e muralhas que tornam “praias privativas” o que é do povo. Dono de estilo e técnica muito pessoais, Luiz Telles conseguiu unir o geométrico com uma espécie de paisagismo marinheiro, obtendo resultados inéditos e impressionantes. Envolvido em novas pesquisas e experiências, o artista está partindo para uma nova fase que, pela mostra que teve, revela seu grande talento criativo. Esse pintor, infelizmente, não tem merecido dos críticos catarinenses a divulgação que merece, embora haja manifestações encomiásticas de grandes nomes de analistas especializados a respeito de sua produção no campo da pintura.

À noite, com a brisa batendo de leve nas faces, a rebentação formando ondas brancas na areia, nada como a caminhada pela praia,

saboreando uma espiga de milho verde, um pamonha ou mesmo um sorvete. Nas barraquinhas iluminadas tudo se vende.

O escritor e historiador blumenauense José Ferreira da Silva, veranista e aficionado de Piçarras, numa de suas poucas incursões pelo reino da poesia, teceu o seguinte poema:

"PIÇARRAS"

"A lua cheia
Põe faixas de prata.
Fulgurações de centelhas
Nas cristas das tuas ondas.

Nas ondas
Que se desfazem em espuma
Nas brancas areias
Da tua praia...

Piçarras,
Piçarras,
Piçarras,
Ao teu o meu coração.
E nele implanta
O germe da saudade.
Longe de ti.

Tenho ainda nos ouvidos
O marulhar cantante
Das tuas ondas.
E no pensamento
As areias alvas
Da tua praia
Onde o meu amor
Dormiu nos meus braços,
Scrriu nos meus lábios,
Chorou nos meus olhos,
Sonhou nos meus sonhos...

Piçarras,
Piçarras,
Piçarras,
Ao teu
O meu coração!"

(Piçarras, jan. de 1970).

V — "SEGUNDA MORADIA"

Quando adquiri, há uma década, pequena casa em Piçarras, exercia minhas funções em cidade distante e as visitas ao balneário ocorriam só nas temporadas. Com a minha fixação em Blumenau, desde 1978, a proximidade permitiu que as idas à "namorada do A-

tlântico" se amiudassem, de tal forma que a casa de praia, sempre melhorada e conservada, passou a ser uma espécie de "segunda residência". Para lá fugimos, eu e a família, depois da semana atribulada e lá escrevi muita coisa publicada no "Em Revista", nos livros e em outros lugares. E li incontáveis páginas de autores velhos e novos.

A noite, quando cai o silêncio, fico escutando a bulha do mar, na sua movimentação eterna. E durante o dia ponho o corpo a funcionar, dentro e fora da água, tiro o sol numa ducha que inventei e que ficou "famosa"...

Embora a minha ficção, como sabem os que leram meus livros, tenha como palco uma região totalmente diversa do litoral, — os Campos Gerais, — a casa praiana começou a ser chamada de "Meu Chão". Jandira, com a ajuda de uma costureira paciente, conseguiu fazer uma bandeira com as cores e as letras da capa desse livro. Quando ela tremula ao vento, no alto do mastro que plantei diante da casa, é sinal seguro que lá estamos.

Não pergunte, amigo. Olhe para cima, corra os olhos pelo céu limpo e se avistar a bandeira azul com a inscrição branca de "Meu Chão", vá chegando sem cerimônia que a casa é sua.

Haverá sempre um cafezinho (como só a "Tia" Janda sabe fazer), uma caipirinha ou ceva gelada e o papo alegre e sem pressa. Naturalmente a coisa não estaria completa se não houvesse muito livro, jornal e revista.

Apareça.

NOTAS

(1) Grande parte destes dados foi sintetizada de dois boletins distribuídos pela Prefeitura Municipal.

BIBLIOGRAFIA

Boletins da P.M.P. (1982) — mimeo.

História de Santa Catarina — Ed. Grafipar — Curitiba — 1970 —
— Vol. IV — Enciclopédia Brasileira Globo — Guia 4 Rodas do Brasil.

DIÁRIO DE VIAGEM DO IMIGRANTE JULIO GAERTNER

No presente número estamos iniciando a publicação, em tópicos, do relato escrito por um dos imigrantes que viajaram para o Brasil na década de 1860. Trata-se de Júlio Gaertner que, no ano de 1862, despediu-se de seus pais, na Alemanha, e procurou transporte para chegar à América do Sul. O relato é interessante e atraente. Ele descreve situações as mais diversas mostrando o retrato da odisséia que viveram, em sua maioria, os europeus que emigraram para o novo continente.

Júlio Gaertner, que fixou-se no Vale do Itajaí, era jovem e solteiro. Aqui iniciou suas atividades e mais tarde casou-se com dona Selma (nata Altenburg), com a qual teve dez filhos, que foram: Ewald, nascido em 1873 em Belchior; Emilia, (nascida em 1871 em Gaspar); Cecilia, nascida em 1875 em Belchior; Paulina, nascida em 1876 em Gaspar; Clara, nascida em 1878 em Gaspar; Ana, Victor, Júlio (nascido em 1887 em Gaspar) e Frida (sogra do sr. Willy Sievert, mãe de dona Vitória). A única descendente de Júlio Gaertner, por força do seu casamento com Júlio Gaertner Filho é dona Irma Gaertner, nata Wehmuth), a qual reside em Gaspar e possui idade além de 90 anos. Sabe-se ainda que Júlio Gaertner montou, em Gaspar, uma atafona, que com ela trabalhou durante muitos anos. Embora a atafona hoje esteja desativada, a família da viuva dona Irma ainda conserva como relíquia, a grande roda ou rodizio que, impulsionada pelas águas, movimentava a atafona.

Eis aí portanto alguns dados referentes ao imigrante Júlio Gaertner, cuja viagem da Europa até o Brasil, ele registrou nos seus mínimos detalhes num diário que, traduzido por seus familiares descendentes, hoje começa a ser publicado nesta revista, como mais um marco histórico do que foi a odisséia da maioria dos imigrantes que, como ele, atravessaram em barcos à vela, o Oceano Atlântico em busca de uma vida melhor, aqui fixando-se e aqui falecendo com avançada idade, deixando uma descendência que prosperou e que soube, até os dias de hoje, conservar o mesmo padrão de trabalho, de ordem, de disciplina e de espírito comunitário que tem caracterizado, através da história, a grande maioria dos pioneiros que aqui se fixaram a partir do dia 2 de setembro de 1850.

DIÁRIO DA VIAGEM DO IMIGRANTE JÚLIO GAERTNER

"A 8 de setembro de 1862(1) deixei a minha Pátria a fim de partir para o Chile, na América do Sul. A despedida dos meus queridos pais tornei-a mais suave para mim, porquanto conservava firmemente meu objetivo em vista e, além disto, se for a vontade de Deus, alimentando a esperança em os rever.

Assim viajei, pois, em companhia de meu pai, até Breslau onde nos esperavam na estação o amigo Adolph Bänder e Stephan.

Em companhia desses passamos o dia em Breslau, até à noite. Quando soou novamente uma hora de despedida, da mesma forma amenizei o quanto pude a despedida de meu pai. Mas para meu amigo Adolph parecia tornar-se muito difícil. Assim separamo-nos apressadamente um do outro.

No entanto esta lembrança umedecia-me os olhos, mas conseguí superá-la logo e segui viagem, cheio de confiança, ao encontro da "Residenz".(2)

A viagem até lá, no que diz respeito a vegetação, foi altamen-

(1) Escrito na Hospedaria "Zum Grossen Verker", em Hamburgo.

(2) A Capital do Império.

te monótona, pois passávamos constantemente por florestas de pinheiros e abetos. Por volta de 9,30 cheguei em Berlin e fui imediatamente, em um coche, para a Estação, onde não esperei muito tempo, pois o trem que me conduziria para a cidade portuária de Hamburgo entrou a seguir. Ali encontrei logo um companheiro de viagem o qual seguia com o mesmo destino.

Terça-feira, 9 de setembro

Viajei portanto, em companhia desse camarada, de trem, até Wittenberge; lá nos transferimos para a Elbe para viajar de vapor até Hamburgo.

A passagem até lá me custaria somente 17 1/2 Pfenig (3), enquanto o mesmo trajeto de trem custaria 2 marcos e 10 pfenigs. Esta economia agradeço ao meu companheiro de viagem, um aprendiz de chapeleiro, um verdadeiro berlinense, mas, ao lado disto, uma pessoa bastante educada e bondosa.

Embarcamos assim no vapor e logo sulcávamos a correnteza.

Viajamos até a noite, cerca de 20,30m, e paramos em território de Meklenburg.

Aí descemos em terra e alguns moradores daquele lugar nos receberam; o seu dialeto que falavam nos divertia muito.

Também nos presentearam com ameixas, após meu companheiro de viagem lhes ter oferecido charutos.

Depois passeamos à margem do Elbe e, por diversão, entramos em um barracão para pedir um copo de água. Essa boa gente assustou-se a princípio, pois certamente todos pensavam que chegávamos com más intenções em hora tão tardia; entretanto nosso aspecto lhes incutiu confiança e eles atenderam alegremente nosso modesto pedido. Depois disto voltamos para bordo do vapor (4) a fim de descansarmos. Nossa cama não era a mais confortável. Consistia em nada mais do que um banco preso ao costado do barco, mas contentamo-nos com isto e adormecemos logo.

Na manhã seguinte, 10 de setembro, o barco pôs-se novamente em movimento, mas só pode viajar das 4 às 6, porque nesta hora um denso nevoeiro impediu-nos em continuar a viagem, a qual reiniciamos novamente às 10 horas. Entretanto logo fomos impedidos novamente no curso e exatamente por um baixio, sobre o qual o barco encalhara. Só após um enorme esforço e depois de ter passado meia hora, conseguimos fazer o barco navegar e a viagem continuou, enquanto admirávamos a bela margem do Elbe; também vimos algumas garças exibindo-se pela margem e grandes bandos de patos selvagens nadando no rio, levantando vôo com a aproximação do barco.

Assim alcançamos pela tarde, às 4 horas, Hamburgo onde pro-

(3) Centésima parte do Marco.

(4) Escrito a bordo do galeão "Amor".

curamos uma pousada em alguma hospedaria, o que entretanto, após muito procurar, não foi possível. Então meu companheiro de viagem propôs-me ir com ele no albergue onde ficava, com o que concordei, pois já estava cansado das andanças.

Fiquei muito satisfeito com a hospedaria que trazia o nome "Zum grossen Verker" e lá permaneci hospedado até minha partida.

Após ter entregue minha bagagem para ser guardada, pus-me a caminho para visitar um conterrâneo e entregar-lhe uma carta de seu pai, a qual era ao mesmo tempo uma carta de apresentação para mim.

Encontrei-o em seu escritório (ele possuía uma fábrica de ro-lhas de cortiça), entreguei-lhe a carta de seu pai (este é mestre enca-dernador, em Brieg, de nome Foerster) e apresentei-me como con-terrâneo, sendo recebido por ele da maneira mais gentil e servido com um copo de vinho, enquanto lhe contava minhas intenções. Prometeu-me fazer o possível para me ajudar e falar com seus conhecidos ar-madores, mas não deu esperanças de que eu conseguisse alcançar o Chile com meu pequeno pecúlio.

Recomendou-me que voltasse a procurá-lo dentro de alguns dias para saber do resultado de suas pesquisas por um navio.

Prometi voltar no dia determinado e me despedi.

Empreguei os dias seguintes para conhecer melhor a cidade e gostei bastante de Hamburgo, de modo geral. Em todas as partes da cidade reina o maior movimento, pelo qual sempre se distinguem as cidades portuárias; as vitrines competem umas com as outras em beleza e elegância, as ruas no entanto deixam, em sua maioria, muito a desejar e principalmente as mais velhas a parte da cidade que ficou preservada do grande incêndio (6) distinguem-se por ruas muito estreitas e sujas onde, além disto, o estilo feio das construções das casas oferece uma aparência desagradável.

Oposto a isto, o Jungfernstieg, a praça mais bonita de Hambur-go, enfeitada pelos maravilhosos prédios, oferece uma vista muito bo-nita, para a qual ainda contribui o Alster, freqüentado por inúmeros pequenos vapores, barcos e cisnes.

Digna de nota, ainda, é a estranha vestimenta das "Vierlände-rinen" (7) as quais vendem flores, verduras e legumes, apregoando suas mercadorias rua acima e rua abaixo. Também procedem assim as mulheres que vendem peixes, frutas e as vendedoras de mel, etc.

Hamburgo também é rica em diversões das mais variadas es-pécies, também para excursões ao ar livre o Uhlenhorst oferece a me-lhor oportunidade. A mim também foi concedido fazer uma destas em companhia do Senhor Foerster (meu conterrâneo), seu locador (um comerciante de móveis, o qual igualmente como sua esposa, são pessoas muito bondosas e proporcionaram para mim muitos benefi-cios) e a esposa deste, ao Uhlenhorst, durante a qual pelo caminho

(6) Hamburgo sofreu um grande incêndio em 1842, destruindo 3/4 partes da cidade.

(7) Vierländer, uma região perto de Berlin.

maravilhou-me a beleza das vilas que, no estilo do melhor bom gosto, foram construídas e são usadas pela "noblesse" de Hamburgo como residências de verão.

Após ter visitado Hamburgo com muito gosto, recebi do Senhor Foerster uma comunicação sobre minha viagem. Dizia esta que, além do navio (Emily) sobre o qual mantive correspondência com Balzer e Com. em Hamburgo, cujo preço da passagem era no entanto muito elevado, não haveria outro este mês para o Chile; entretanto Donati e Com. expedirá um navio para São Pedro do Rio Grande do Sul, no mês em curso; declarei-me pronto para esta oportunidade de viagem e informei meus queridos pais sobre isto.

A seguir paguei a passagem num total de 53 taler, dos quais no entanto, através do Senhor Foerster, recebi a devolução de 2 taler, os quais o mesmo recebera como comissão do armador.

Em 26 de setembro de 1862 subi a bordo do galeão "Amor" o qual entretanto ainda não recebera sua carga completa, embora vários passageiros já se achassem a bordo, os quais, em minha chegada, como me contaram mais tarde, tomaram-me por um missionário por causa da minha capa Havelot e meu cabelo comprido.

Tomei hoje meu primeiro jantar a bordo, o qual consistiu de chá e após este me foi indicado meu alojamento, no que eu tive muita sorte, pois durmo num camarote para duas pessoas, enquanto os outros estão com 3 e até 4. Em meu colega de camarote encontrei um velho probô lavrador pomerano que estava acompanhado por sua família composta de sua mulher e 3 filhos, das quais uma com seu marido e bebê.

Esta família é bastante religiosa e da raça bondosa de pomeranos, as filhas faziam-me logo diversos serviços e préstimos, pelo que eu também me mostrava reconhecido e de vez em quando lhes distribuía algo das minhas reservas de alimentos.

Sexta-feira, 26 de setembro de 1862

Hoje fui conhecendo os demais passageiros, são em parte operários, outros são lavradores da província Oldenburg, de Birkenfeld, encontrei neles pessoas bem agradáveis, cujo dialeto divertia-me bastante, é algo parecido com o suábio. Também a tripulação do navio agradou-me bastante, são pessoas bem dispostas e não tão rudes como eu imaginava. Um deles, um grumete, tocava à noite, o acordeão, o que as mocinhas em nosso navio logo aproveitaram para dançar. Isto acontecia durante todas as noites seguintes enquanto nos encontrávamos ainda no porto.

Domingo, 28 de setembro de 1862

Hoje o Senhor Foerster e seu locatário, Senhor Meier, fizeram-me uma visita a bordo e juntaram a esta um convite para almoçar com eles, o qual aceitei com muito prazer, indo logo em terra com os dois senhores. Após o almoço visitamos o "Hamburger Museum"

cujas mostras em História Natural e objetos de arte interessaram-me vivamente. Depois de termos visto tanto quanto nos foi possível voltamos à residência do Senhor Foerster onde novamente Madame Meier, como quase sempre durante minha estadia em Hamburgo, convidou-me para o lanche.

A seguir despedi-me cordialmente de Madame Meier, minha benfeitora e agradeci-lhe por todos os favores que dela recebi. Voltei, em companhia do Senhor Foerster, ao porto para subir novamente a bordo. Ai chegado despedi-me também dos dois senhores aos quais expressei também meus cordiais agradecimentos por tudo e pela bondade com que me trataram e logo eles desapareceram de minhas vistas, entre os navios.

Nossa partida de Hamburgo atrazou-se até:

Quarta-feira, 1 de outubro de 1862

Cedo, pelas 7 horas, deixamos Hamburgo com vento desfavorável e descemos bem devagar o Elbe, passando por Altona; depois desta cidade a margem direita do Elbe crescia constantemente em beleza.

Aqui se uniram natureza e arte para tornar ao homem sua permanencia nesta paragem a mais agradável possível. Por toda parte erguem-se dentre o magestoso verde das árvores as maravilhosas vilas com seus belos balcões e torres, dos quais o panorama sobre o Elbe, constantemente freqüentado por barcos, deve ser magnífico.

Ao anoitecer ancoramos no Elbe.

Quinta-feira, 2 de outubro de 1862

Ainda vento desfavorável, o navio só segue arrastado pela correnteza.

Sexta-feira, 3 de outubro de 1862

Hoje alcançamos sob vento favorável Kuxhaven e ancoramos aqui ao anoitecer, porque precisavamos esperar por um outro vento para entrar no mar.

(Continua)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Séara Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

